



Director literario:

Albuquerque
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

duarcolle
PAPUSSE

O BARRETE ENCANTADO

Por JOSE S. RAU
Desenhos de EDUARDO MALTA

MIRAFLORES, o pobre e vagabundo Miraflores, saíra da cidade muito triste. O imperador Barba-Ruiva era um verdadeiro tirano de apetites sanguíneos e ele acabara de assistir a um espetáculo horroroso: —o enforcamento dum desgraçado qualquer que se esquecera de cumprimentar Barba-Ruiva quando este passeava nas ruas da cidade. Miraflores chegou à floresta e sentou-se ao lado dum carvalho enorme, de larga rama folhuda, que tinha um buraco no tronco. Em volta, os jacintos selvagens eram como uma lagóia azul. Miraflores esteve ali muito tempo, inclinado sobre a própria tristeza, e os seus cabelos loiros e compridos corriam pelo seu rosto fora como uma catarata de ouro. Eis senão quando, ouviu uma voz cantando, muito perto. Olhou e não viu ninguém. A voz deixou de cantar e falou-lhe assim:

—Miraflores, a pensar morreu um burro!—



Ele deu um salto e ficou bastante assustado, porque via apenas o carvalho que tinha um buraco no tronco, as outras árvores e os jacintos azuis. Porém, como era valente, endireitou-se todo, agarrou numa pedra por causa das mósas e começou a procurar a pessoa invisível que lhe falava. Escusado será dizer que nada achou. A voz parecia sair da abertura negra do carvalho e era uma voz de cana rachada, irritante e provocadora. Miraflores, então, não querendo dar parte de traco, arremessou a pedra contra o buraco num gesto violento. Ouviu-se uma gargalhada divertida e aos pés de Miraflores apareceu uma creatura extraordinariamente pequena, que media talvez um palmo de altura e que tinha numa das mãos um minúsculo barrete amarelo.

—E's um rapaz simpático, Miraflores, e eu quero fazer a tua felicidade.—

Imagem os meus meninos, o espanto de Miraflores ao ver um homensito daquele tamanho, todo elegante, de magnífica barba negra e olhos imensamente vivazes! Julgou-se

(Continuação do conto O BARRETE ENCANTADO)

vítima de uma ilusão e mordeu um dedo. Depois, como era um rapaz cheio de bom senso, perguntou:

— Ora vamos lá a saber uma coisa: quem és tu, de onde me conheces e como podes fazer-me feliz?—

O homensito inclinou-se graciosamente e respondeu:

— Sou Ali-Kahn, o génio das árvores, das fontes, das rui-



nas, dos tesouros subterrâneos e dos espíritos das flores selvagens. Olha!—

Ali-Kahn levantou o barrete amarelo e, entre as pétalas de cada jacinto, apareceu um anão adorável, transparente, com asas cor de rosa.

— Conheço-te bem, Miraflores. És pobre e corajoso. O povo daquela cidade sofre a tirania do imperador Barba-Ruiva. Porque não há-de tu vencer o Barba-Ruiva e casar com sua filha; a linda princesa Bem-Me-Quer?

Este barrete amarelo torna as pessoas invisíveis. Faça-te presente dele. É uma arma poderosa que muito servirá a tua inteligência.—

Miraflores pegou no barrete amarelo, que logo ficou do tamanho da sua cabeça. Ali-Kahn desapareceu como um suspiro levado pelo vento. Pensativo, mal acreditando no que acabava de lhe acontecer, Miraflores dirigiu-se para a cidade.

A entrada da porta levadiça, por debaixo da qual apodrecia uma água verde, a sentinela, que o conhecia desde pequeno, resmungou:

— Lá vens tu da vadiagem, Miraflores. Qualquer dia nortes enforcado!—

Lembrou-se de experimentar a virtude do barrete amarelo e cobriu-se com ele. A sentinela deu um grito de pavor e deixou cair a lança no chão. Miraflores pulou de contente e foi andando, andando, sem que ninguém o visse, até à praça pública. A velha vendedeira de laranjas, a Marta Peluda, chorava como uma perdida, porque uma equipagem derrubara a sua caranguejola e as laranjas rebojavam todas na lama da rua. Em volta havia muita gente sem coração que ria da Marta Peluda. Miraflores, indignado, começou a apanhar as laranjas e logo toda aquela gente (e até a própria Marta Peluda) fugiu espavorida, porque viram as laranjas sósinhas levantarem-se do chão uma por uma e amontoarem-se na caranguejola.

Cada vez mais contente, Miraflores dirigiu-se para o palácio do imperador, onde entrou com toda a facilidade e subiu as altas escadarias. Chegou a uma porta de ferro forjado, guardada por um oficial de rico uniforme e como este era de grande estatura e ocupava toda a largueza da porta, ele, trás, atirou-lhe uma bofetada.

O oficial caiu das nuvens, desatou à espadeirada da esquerda para a direita e Miraflores, aproveitando a ocasião, fez a sua entrada invisível na sala de trôno da Barba-Ruiva.

Barba-Ruiva era, na verdade, um homem muitíssimo feio, de olhos sangüíneos, de pele engelhada como a dos elefantes e de longas barbas cor de cenoura. Miraflores deteve-se a seu lado e pensou: « de que modo vou eu atacar este monstro? Nesta altura passou-se na sala um incidente que veio desfazer a hesitação de Miraflores. O oficial esbofetado, que era o conde do Tyrol, exausto de jogar à espada com o próprio ar, entrou, ajoelhou-se em frente do Barba-Ruiva e exclamou:

— Saiba Vossa Magestade que me aconteceu uma coisa inaudita. Deram-me uma bofetada!—

Barba-Ruiva e os seus cortezãos entre olharam-se, espantados.

— E o mais extraordinário é que eu não vi ninguém!— Ouviram-se gargalhadas discretas e Barba-Ruiva, irritadíssimo, ordenou:

— Prendam o conde do Tyrol. Está completamente doido.—

A estas palavras, Miraflores, ainda invisível, deu outra bofetada no conde do Tyrol. Barba-Ruiva e os seus cortezãos ouviram distintamente o som áspero do bofetada, no que foram mais felizes do que o conde do Tyrol que a ouviu e sentiu.

— Quem ousa esbofetear o comandante da guarda imperial?—

Os cortezãos encolheram-se todos de medo, como camisas lavadas pela primeira vez. Miraflores, em tom de ironia, declarou:

— Saiba Vossa Magestade que fui eu!—

Miraflores reparou que o conde do Tyrol, com o susto, deixara a sua bela espada no chão. Empunhou-a e logo Barba-Ruiva e os seus cortezãos recuaram transidos, espavoridos, derretidos de horror, porque os seus olhos assistiam agora a este espetáculo diabólico: no meio da sala a espada do Conde do Tyrol aguentava-se sósinha no ar e sósinha descrevia molinetes ameaçadores, curvas terríveis, golpes de gelar o sangue nas veias. Os cortezãos puzeram-se todos de joelhos e começaram a gritar. A espada foi-se aproximando de Barba-Ruiva, inflexível, inevitável como o destino. Chegada ao pé dele hesitou e depois, escorregando para o lado, decepou-lhe a cabeça. Nesta altura Miraflores tirou o barrete encantado, levantou a cabeça do imperador pelas barbas e em frente dos cortezãos atônitos, proclamou:

— Morreu o tirano!—

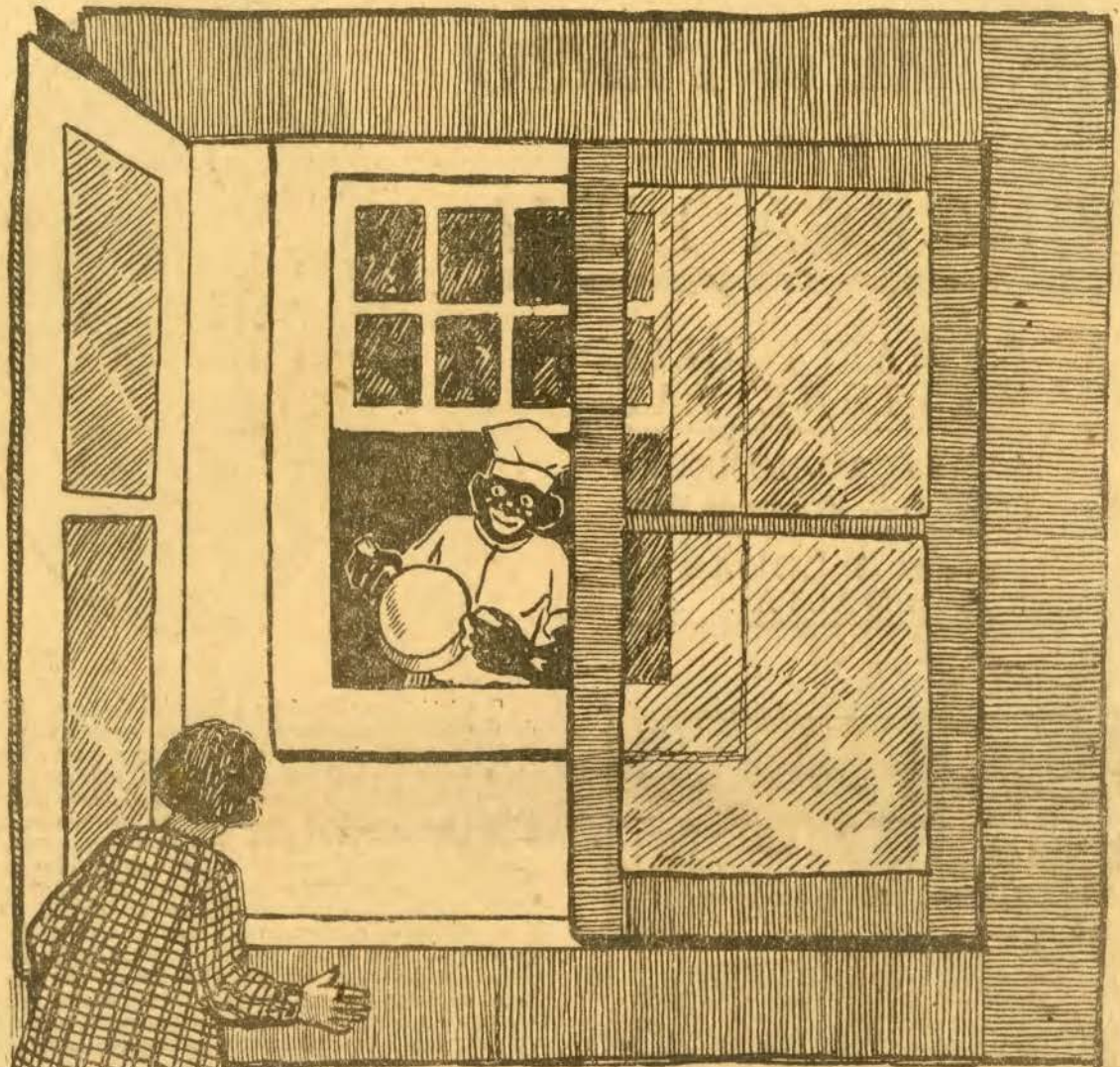
Os cortezãos aclamaram a vitória mágica de Miraflores, a



quem elgeram soberano da cidade. O novo imperador casou com a princesa Bem-Me-Quer, que tinha música nos lábios e uma rosa aberta no coração. Dias depois deste aconteci-

(Continua na página 6)

O PRETO-PAPUSSE-PAPÃO



Por AUGUSTO DE SANTA-RITA
Desenho de EDUARDO MALTA.

E

Mcerta ja-
nela,
Traseira,
De casa
amarela,
Frontei-
ra

Daquela
Onde dantes morava
PáPim;

— (Um menino de blbe
e calção) —

Era certo e sabido,
De branco vestido,
Surgir

— (Areando uns metais e a rir) —
O Preto-Pápusse-Papão!

E logo, ad PáPim,
Alguém, de um saguão,

Numa exclamação,
Em voz de trovão,
Bradava-lhe assim:
— « Menino, não se debruce!
Ai! não se debruce...
Senão
Apanha-o a mão
Do Preto-Pápusse,
Papão
Que papa o PáPim!

— « Menino, não se debruce!
Por causa, PáPim,
Do Preto-Papão,
Do Preto-Pápusse! » —

E inda hoje, hoje ainda! inda ao fim
De se haver já passado por mim

(Continúa na página 6)

O PRINCIPE DO FERRO e a PRINCESA LIDIA

Por MARIA JULIA
MAVIGNE' VAZ

2.^a MENÇÃO HONROSA
SERIE C — 18 anos de idade

Desenhos de EDUARDO
:: :: :: MALTA :: :: ::



O mistério que envolve o Príncipe do Ferro, foi criado por seu pai moribundo... Deixou escrito a um servo de grande confiança e estima: «Ninguém verá o herdeiro até à idade em que ele possa envergar um fato de ferro. Quero fazer d'ele um rei poderoso, digno de ser meu filho. Ordeno que em pouco tempo se construa um palácio de ferro para que ele o habite. Por dentro as paredes serão guarnecidas com os troféus de seus antepassados, e o glorioso servo a quem dito estas palavras, lhe contará os seus feitos e o ilustrará para que seja um grande rei. Ele só e a rainha minha mulher, terão o direito de ver o «Príncipe do Ferro». Seusaios o servirão de olhos vendados. Meu fiel servo governará o reino até ao dia em que meu filho possa envergar um fato de ferro. Assim o meu reino será sempre independente. Ao servo que minhas palavras não cumprir depois da minha morte, persegui-lo-há minha sombra e nunca mais será feliz.

Passados muitos anos, quem governava tão lindo país



R EINAVA o Príncipe do Ferro num país de lindo sol como o nosso, onde havia flores deliciosamente perfumadas, onde se ouvia muitos gorgeios de passarinhos e a água cristalina das fontes correndo. Usava sempre este rei um fato de ferro. Ninguém lhe conhecia o rosto, pois que o capacete apenas lhe deixava a descoberto os olhos, profundamente negros.

Tinha seu pai sido um rei muito poderoso, pois que fora um grande guerreiro. Fora querido e respeitado pelo seu povo que lhe obedecia cegamente.

Um dia, em consequência duma queda que dera dum cavalo desenfreado, ficou gravemente ferido e às portas da morte. Foi no dia em que nasceu seu herdeiro. Quando partiu deste mundo, deixou seu pequenino filho envolto num misterioso viver. Ele que morria mas deixava ao seu querido povo aterrorizado um descendente, ao seu querido povo que iria cair por direito nas terríveis mãos dum seu inimigo, um rei vizinho, se não nascesse aquele príncipe.

era o misterioso Príncipe do Ferro. Vêde-o... Ele aí vem no habitual galope do seu cavalo negro de bôca espumante, deixando atrás de si nuvens de poeira. Sua irmã Lídia, um ano mais velha, logo que sente o galope do cavalo negro de seu irmão, corre a lançar a seus pés um ramo de flores que trazia. Esta princesa, era formosíssima e gostava muito de flores. Seu noivo, um grande guerreiro do seu



era muito curiosa não pude resistir à tentação de o ver; um dia consegui estar a sós com o Príncipe que então era criança e desvendi meus olhos... Nunca mais tornei a ser feliz. Nêsse mesmo dia me morreu meu marido, passados dias me morreram meus dois filhos. Então, louca de dor, fugi para a solidão do bosque onde vivo há muitos anos; hoje conheço-o desde o princípio ao fim. Mas, Princesa, não te deixarei voltar para o palácio, quero a tua companhia; é horrível viver só!» Lídia ficou atemorizada com as palavras daquela louca...

Ao passo que isto se dava, na guerra era vencido o Príncipe do Ferro. O jovem rei, seu vencedor, ávido por conhecer aquela cabeça que tanta gente desconhecia, no próprio campo de batalha lhe ordena para que tire seu misterioso capacete de ferro. O rei vencido não obedece, mas o vencedor não espera... tira-lho por suas próprias mãos. E fica atônito... ele vê um rosto de beleza encantadora, uns longos cabelos negros que se soltam e caem sobre os ombros... Era uma mulher o Príncipe do Ferro! Então parece que um grande milagre se operara: os guerreiros vencidos e os vencedores pareciam não se quere-mal e contemplavam silenciosamente seus reis. Exaltado, o jovem rei arranca as plumas do seu elmo, põe-nas aos pés daquela rainha guerreira e exclama: —«Senhora, vinde para o meu palácio, eu vos farei servir com toda a honra!» E, ao som de trombetas, ambos partiram, lado a lado, seguidos por seus guerreiros que místicamente esqueciam que, havia momentos, eram inimigos. No íntimo, então, da que era Príncipe do Ferro, uma luta se travava: ela que havia sido educada para ser rei tinha um coração de mulher. Aquela guerra fôra levantada por ela para fazer d'ele seu prisioneiro; mas não queria que êle fosse o vencedor.

Um dia, a sós, ela ouviu o rei daquele país dizer-lhe eternecidamente: —«Senhora, hoje vo-lo digo: sois vós a vencedora! Vós não vencestes meus soldados, mas vencestes irresistivelmente o meu coração: êle é vosso e êles são vossos servos, sê-de a nossa rainha!» Ela respondeu ao rei e certamente que se lhe quebrou o orgulho, pois que ao

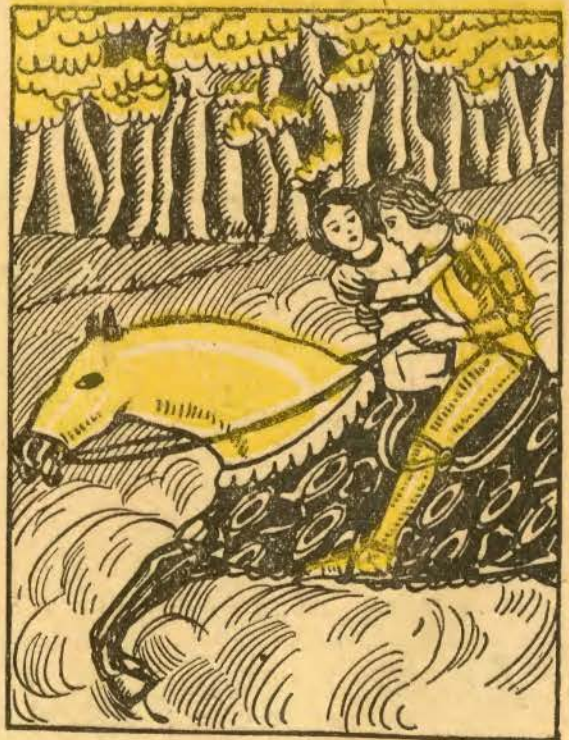
país, adorava-a porque ela além de ser linda era muito bondosa.

Um belo dia, quando menos se esperava, seu irmão declara guerra a um rei vizinho muito poderoso. Era absurda essa guerra e o velho guerreiro que educara o Príncipe do Ferro e que era o seu conselheiro, falou assim ao rei: —«Senhor, apesar da vossa força de vontade e de bom guerreiro que sois, temo por vós nesta guerra: o vosso adversário é muito perigoso!» Mas o Príncipe do Ferro respondeu-lhe na sua voz débil, mas enérgica: —«Quero fazê-lo meu prisioneiro, não te oponhas a isso!» O velho conselheiro continuou no seu intuito de dissuadir o rei de tal guerra, mas nada conseguiu.

A guerra inevitável ia rebentar e a Princesa Lídia chorava: ia separar-se de seu noivo e de seu irmão e o seu país ia entrar em luta.

Certa manhã, quando o seu noivo partiu de facto com o seu irmão e muitos guerreiros, foi bem doloroso o adeus para a jovem princesa. Chorou muito e ficou triste; aquela palavra «guerra» horrorisava-a.

Depois que o combate começara, todas as manhãs, Lídia apanhava braços de flores no bosque, punha-os aos pés de Nossa Senhora, implorava-lhe a sua protecção sobre todos os que guerreavam e a paz. Numa dessas manhãs tanto andou para apanhar umas flores mais perfumadas, que se perdeu. Sem saber onde estava, soltou as flores que trazia presas contra o peito e correu tonta de susto já delas esquecida. Parou de súbito e exclamou tristemente: —«Não sei onde estou, nem vejo caminho para o meu palácio; se não fôsse a guerra, tu, talvez hoje mesmo, me viesses procurar, loiro guerreiro do meu coração. Assim, sem te ver, ficarei só, neste sítio tão triste e desconhecido para mim!» Acabou por soluçar... Mas, de súbito, ouviu uma voz que lhe dizia: —«Quem és tu, menina, para estares só num lugar desconhecido?» Então, ergueu-se para ver quem lhe falava... era uma velha feia, vestida com farrapos de seda; encararam-se espantadas e a velha feia tornou a falar: —«Serás tu a Princesa Lídia que eu conheci em pequenina?! Como vieste aqui ter?» Então a pobre princesa desabafou e contou tudo, tudo... A velha também lhe contou porque vivia no bosque: —«Ai, eu sou uma infeliz; persegue-me a sombra do rei teu pai, porque não cumpri os seus mandados. Eu era aia do Príncipe do Ferro teu irmão; como



fim de ambos muito conversarem, chamaram à sua presença o noivo da Princesa Lídia e o velho aio que educara a que tinha sido Príncipe do Ferro e esta lhes falou assim: —«Hoje mesmo partireis para o vosso lindo país; lá fareis saber quem era o Príncipe do Ferro e que o grande rei que me venceu, me pede a minha mão de esposa: eu lha concedo, pois que fará a minha felicidade. Já há muito

O Príncipe do Ferro e a Princesa Lídia

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 5)

que minha vida era um suplício; foi depois que conheci este rei. Era-me insuportável o ferro do meu fato, do meu capacete, do meu palácio e a mentira odiosa que me envolvia. Soou, porém, a hora em que Deus me aproxima da felicidade. Ele me concede, pois que eu vejo na minha frente um jovem mas possante guerreiro, que ao lado da bondosa Princesa Lídia, ocupará aquele que foi o trôno do Príncipe do Ferro! O teu povo e vassallos te aclamarão rei; eles querem-te muito e a bondosa Princesa que será tua esposa.»

Ambos partiram; o jovem, cheio de alegria, e o velho ansioso por saber como seriam recebidas as novas. Quando chegaram ao palácio estavam todos muito tristes, pois que a Princesa Lídia tinha desaparecido no bosque: o noivo, louco de dor, partiu logo em sua procura.

O velho aio contou, então, a história do Príncipe do

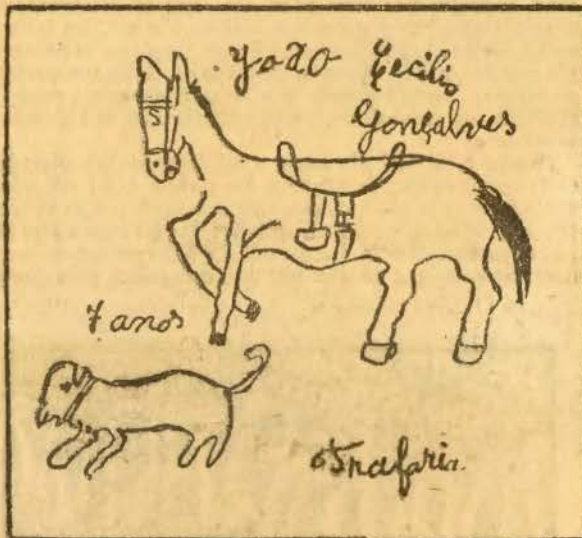
Ferro e tudo quanto elle lhe tinha dito. Todos enternecidos ouviram a história do seu Príncipe e aclamavam o grande guerreiro dos cabelos dourado e a Princesa Lídia para seus reis.

CONCLUSAO

Depois de alguns dias, numa manhã de nevoeiro, apareceram os noivos vindos do bosque; elle trazia na garupa do seu cavallo e ella trazia um braçado de flores para o altar de Nossa Senhora. Casaram-se e foram reis.

Aquella que tinha sido o Príncipe do Ferro também casou com o seu bem amado rei e nunca mais usou o pesado fato nem o capacete de ferro. Reinou sempre a paz entre os dois povos e os seus reis foram profundamente felizes e amados por seus vassallos.

Colaboração infantil



O BARRETE ENCANTADO

(CONTINUAÇÃO DA 2.ª PÁGINA)

mento fabuloso, que os habitantes daquela cidade ainda não esqueceram, Miraflores foi à floresta agradecer ao génio Ali-Kahn. Encontrou-o no baraco negro do carvalho, tocando uma irauta dando um verdadeiro concerto aos espiritos dos jacintos selvagens. Ao vê-lo chegar, Ali-Kahn interrompeu-se e sorriu-se. Miraflores devolveu o barrete encantado, que logo se tornou minúsculo e confessou-se eternamente grato a Ali-Kahn. Este levantou a mãozinha fina e leve e declarou:

—Não me agradeças, Miraflores. Eu empresto o meu barrete a todos os homens bons. E tu não precisarás mais dele porque, tendo a bondade e a justiça, tens também a inteligência e a modéstia que as tornam invisíveis quando é necessário que as não vejam e as tornam visíveis quando é útil que todas as contemplem.—

— F I M —

O Preto-Pápusse-Papão

Tanto e tanto tranquilo serão,
Não sei porque sim,
Porque não,
Ao meu coração,
Quer muito me pulse
Quer pouco,
Em som cavo e rouco,
A voz de trovão
Torna assim;
—«Menino, não se debruce,

(Continuação da pág. 3)

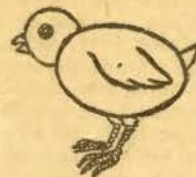
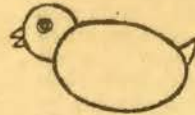
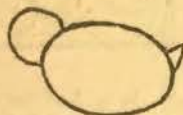
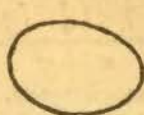
Ai! não se debruce...
Senão
Apanha-o a mão
Do Preto-Pápusse,
Papão
Que papa o Pápmim!—

—«Menino, não se debruce!
Por causa, Pápmim,
Do Preto-Pápusse,
Do Preto-Papão!

LI

ÇÃO

DE



DE

SE

NHO

COMO DE UM OVO NASCE UM PINTAINHO

A VENTURAS de PIM de PAM e de PUM



*Certo dia o nosso Pim,
A's escondidas da Pam,
Foi, uma certa manhã,
À loja do Quim-Quim.*



*Entrando, compra um bigode
E umas barbichas de velho,
Depois, em frente de um espelho,
Prepara um grande pagode!*



*Veste uma farpela velha,
Que o avô em casa tinha,
Faz-se um pouco corcundinha
E parte com grande telha...*



*Pam e Pum, vendo-o passar
Tão pequeno e corcundinho,
Imaginando-o um velhinho,
Põem-se dêle a troçar.*



*Foje o Pim aos tropeções,
Perseguido pelo Pum;
Mas nisto, aparece um
Polícia que prende os dois.*



*E a Pam que vinha no fim
Porque lhe dota um calo,
Jura aos seus deuses salvá-lo,
Ao ver que o velho era o Pim.
(Continua no próximo número)*

Concursos do PIM-PAM-PUM!



Maria Leonor Lima Brandes
(11 anos) — 1.º Prémio
do Concurso de Conto



Virginia Martins Rodrigues
(11 anos) — 4.ª Menção honrosa
do Concurso de Poesia



Lili Ferreira (10 anos) —
Menção honrosa sem numera-
ção do Concurso de Conto



Armando Duarte Rebelo
Menção honrosa
do Concurso de Desenho